ANO 8.º — Sexta-feira, 16 de Julho de 1915 — NUMERO 379

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02
REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

HOMENAGEM

—(*)—

Fez ante-ontem dois mezes que em Lisboa estalou aos gritos de—*Viva a Republica! Viva a Constituição!*—a revolta armada contra a ditadura, em que entrou o exercito, a marinha e o povo.

Descrever o que foram esses dias de anciosa espectativa, as diferentes fazes, até ao triunfo da Liberdade, porque passou a nação inteira, não é para este momento em que apenas desejâmos associarmos á piedosa romagem levada efeito, na capital, para rememorar as virtudes dos defensores tenazes da Patria e da Republica, que jazem sepultados, vitimas da sua grande, da sua incomensuravel fé na democracia.

Com os heroicos soldados de marinha, que a promoveram, queremos, pois, estar em espirito e se é certo que muito poderiamos dizer ante o tumulo dos que pereceram durante a gloriosa jornada, tudo considerâmos pouco desde que um companheiro houve a falar-lhes a voz clara e inebriante da verdade, como aconteceu com o sargento e deputado Domingos Cruz, que assim se lhes dirigiu:

Marinheiros!

A piedosa romagem que aqui nos reune atesta bem os vossos nobres sentimentos de abnegação, de afecto e de patriotismo. Quem, como eu, vos conhece, ha longos anos, quem dia a dia, ausculta o nobre coração, que o vosso alcache encobre, sabe muito bem que não ha quem vos exceda em efectiva solidariedade, que é a divisa das guarnições dos nossos navios nos momentos de perigo comum. O povo conhece-vos, através da vossa bravura e da vossa heroicidade, como fieis continuadores dos nossos maiores, que assombraram o mundo com as suas descobertas e conquistas. Hoje, ficar-vos-ha reconhecendo, com o coração cheio de ternura que, passado o momento de perigo, se abrem para dar saída ao pranto que os tortura, pela perda dos companheiros fieis e dedicados que morreram no cumprimento do dever, ficando suspensos dos labios gelados as palavras: armada, Portugal. Com efeito, marinheiros, não vos envaideceu a gloria que obtivestes, restituindo a Portugal a Republica que ele ama, que ele venera; não vos enlouqueceram os louros colhidos, esquecendo os que caíram a vosso lado, morrendo pelo ideal, que é o vosso ideal, defendendo a Patria, que é a vossa Patria, quando a viram em perigo, colocando-se ao lado do povo, quando este sentia que traiçoeiramente o espoliavam do regimen, por que ele tanto sofrera, que tanto sonhára como redento désta pobre nacionalidade. Não! Cumprido o vosso dever por que ao povo jurastes defende-lo até á ultima gota de sangue, que vos correr nas veias, eis-vos grandes, nobres, sincéros, unidos, disciplinados, neste campo sagrado, a prestar uma saudosa homenagem a todos aqueles que, comvosco, pugnaram pela liberdade ultrajada para com todos aqueles que queiram vêr restabelecido o estatuto que fizémos e não a carta que nos déram e não conseguiram vêr realizado o seu ideal. Marinheiros: Aqui, ante a sepultura dos nossos desditosos camaradas; aqui, onde os odios não chegam, onde as ambições emudecem á cabeceira dos seus cadaveres ainda quentes, juremos todos solénemente, que havemos de continuar firmes e unidos, como um só homem, fortes e disciplinados, como membros de um exercito, que foi o assombro dos maiores países de todo o mundo, para a defêsa da nossa integridade, para a defêsa do patrimonio sagrado que nos legaram os nossos maiores, para a defêsa da Republica, que é o ideal santo, o ideal sublime, que fez pulsar tantos corações e a cujos destinos estão indissoluvelmente ligados os destinos da Patria, que muito idolatramos.

Marinheiros e soldados: Firmes no posto de honra, que a Patria vos confiou, estai atentos para todos os gestos dos que, sendo inimigos da Republica, são altamente traidores à sua Patria, porque a Republica é o regimen livremente escolhido pelo povo faminto, pelo povo que só era chamado a sustentar luxuosamente os que viviam das nossas dôres, da miseria. E a todos que presam o nome português e que portuguêses querem morrer abriu a Republica os seus braços, a todos ligando, num amplexo faternal, a todos convidando para uma obra comum de paz e de progresso.

Marinheiros e soldados: Precisamente a França, essa grande paladina das liberdades populares, comemora hoje, se não o facto mais glorioso da sua historia, e tantos eles são, certamente aquele que mais cala no coração do seu povo heroico e guerreiro: a tomada da Bastilha. E, por ironia do destino, ha um ponto comum nos destinos, que a determinaram e o 14 de Maio que restabeleceu a normalidade constitucional. O 14 de Julho de 1879 foi o ponto de partida para essa revolução, que havia de agitar por tal modo as sociedades, até as levar a derruir o edificio social do preconceito da casta, dos pergaminhos, e substitui-lo pelo edificio amplo e luminoso, em cuja frontaria inscreveu os sagrados Direitos do Homem. Numa brochura célebre do tempo, dizia um panfletario que o povo, o terceiro estado, era a nação e não era nada; tudo devia e a nada tinha direito. A' frase de Luiz XIV *o Estado sou eu*, respondeu o mesmo panfletario *o Estado somos nós*.

Este foi o fermento. Logo que as dissidencias surgiram, entre os nobres e o clero, provocadas pela desigualdade de regalias, os dissidentes juntaram-se ao povo e formularam as suas reivindicações, cujos cinco projectos encerravam toda uma revolução politica, economica e social. Em 17 de junho de 1789, os deputados declararam, reunidos em assembleia nacional constituinte, e em 20 do mesmo mez faziam o juramento soléne de se não separarem sem ter dado uma constituição á França.

O rei, assustado, vendo faltar-lhe o campo em que se assentava o seu trôno, que iria baquear, decérto, em pouco, quer proíbir o parlamento de se reunir e ordena que seja evacuada a sala. Ah! Mas a revolução tinha os seus filosofos, os seus tribunos. E Mirabeau, que simbolisava a revolução, respondia, cheio de um fogo sagrado, ao que vinha encarregado de executar as ordens do rei: *ide dizer a vosso amo que nós estamos aqui pela vontade do povo e que só sairemos pela força das baionetas.* E a assembleia declarou-se inviolavel: conquistava, enfim, a sua soberanía.

A' reacção da côrte e dos nobres, o povo responde com a tomada da Bastilha, iniciando-se assim essa obra gigantesca que se chama a revolução e que brévemente devia irradiar por todo o mundo civilisado.

Pois bem, marinheiros e soldados: á semelhança da França, que neste dia recorda os que sofreram por ela; que neste dia evoca a memoria dos seus mortos ilustres, que prepararam o triunfo da liberdade, evoquemos nós tambem os grandes martires da Republica, esses vultos generosos e grandes de Bombarda e Candido dos Reis, e todos os que os precederam ou seguiram, quer dirigindo, quer combatendo, e afirmemos, perante a sua memoria, que continuaremos a sua obra. Mas não saiamos daqui sem deixar o preito da nossa saudade por todos aqueles que, embora num campo oposto, julgando cumprir um dever, foram vitimas da sua fé, quem sabe se julgando tambem que assim serviam a Patria, que diziam estremecer.

Marinheiros e soldados: Gloria aos mortos, pelo ideial que nos reune aqui, e paz á alma dos vencidos sincéros.

Marinheiros e soldados: o preito da nossa grande admiração!

Films . . .

O S. Torquato

Este é talvez dos santos que se festejam na terra o que maior rendimento tem. Móra em Guimarães e no seu dia as ofertas dos devotos são em tal quantidade que muita gente pasma do numero dos parvos ser ainda tão grande. Com efeito, para um *santo* imobil, sem vicios, que não come, não bebe, não fuma e não... faz nada, receber 4:997$873, incluindo nésta verba 85 líbras e meia em ouro, 2 peças de 8 escudos, 2 de 5 escudos e 120 gramas de ouro em diferentes objectos, é preciso, realmente, haver muito pobre de espirito, muito obsecado, muito fanatico, sem o que o resultado das esmolas sería insignificante e os proventos dos sacerdotes que fazem a propaganda dos milagres, cada vez mais reduzidos.

E se o povo se capacitasse da inutilidade do seu concurso em beneficio deste e doutros santos que, afinal, só se inventaram para servir de instrumento de exploração nas mãos dos padres?

Mas que sêde!...

Tambem numa correspondencia de Braga inserta num jornal de Lisboa vinha,ha dias,que numa romaria efectuada em qualquer logarejo dos arrabaldes da cidade, foram consumidos 13 mil litros de vinho verde, ou sejam 26 pipas, por cêrca de tres mil pessoas, cabendo portanto a cada romeiro perto de cinco litros do *precioso nectar*, como lhe chamam os devotos de Baccho.

Um nosso colega provinciano, comentando, diz que *os catolicos de Braga bebem vinho como os burros bebem agua.*

Realmente assim parece.

Entendam-nos

Devem estar lembrados de que o sr. dr. Afonso Costa apresentou ao Parlamento, em 1913, um orçamento que acusava não nos recorda agora quantos contos de saldo. O evolucionismo recebeu-o mal, troçou-o, invectivou-o, caluniou-o e por fim calou-se cheio de satisfação por assim ter procedido. Pois agora aparece outro orçamento e o partido evolucionista, porque ele se apresente com *deficit*, protésta.

Faz lembrar a historia do outro que era preso por ter cão e preso tambem por não ter cão...

Entendam-nos se são capazes.

Uma trasladação

Em Paris realizou-se no dia 14, aniversário da tomada da Bastilha, a trasladação dos restos de Rouget de Lisle, autor do hino revolucionario *A Marselheza*, para o Panteon Nacional.

A urna funerária foi colocada sobre um armão de artilharia, das guerras da primeira Republica, e a comitiva partiu precedida de tropas, autoridades e parlamentares, atravessando a multidão, que á passagem respeitosamente se descobrira. Houve vários discursos. E Mr. Poincaré, que tomou parte na grandiosa manifestação, não deixou de dizer o que lhe ia n'alma, censurando a agressão alemã contra a civilisação europeia.

Constrangidos a desembainhar a espada, afirmou o Chefe de Estado da nação bligerante, *sómente a recolheremos na bainha depois da vitoria, que será o fruto da vontade e da perseverança.*

Depois acrescenta para terminar: *As virtudes populares manifestadas por toda a parte, mostram a vontade de proseguir resolutamente na obra que nos conduzirá ao caminho da paz e da justiça. O dia da gloria, celebrado pela* Marselheza, *luzirá, dentro em bréve, sobre as nações libertadas da opressão germanica.*

Vê-se que a esperança ainda não abandonou os francêses, que continuam a combater ao som do famoso hino, cujo autor serviu, ao cabo de 126 anos, para arrancar do coração do representante supremo desse grande país, assombro do mundo pelas suas conquistas, as palavras de incentivo proferidas ante o tumulo dum dos seus mais dilectos filhos.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Os prisioneiros de Naulila

Segundo um telegrama de Pretoria, foram libertados pelas forças vitoriosas do general Botha, que bateram os alemães em Africa, o heroico tenente Aragão e os seus bravos companheiros cuja acção guerreira cobriu de gloria o nome português por ocasião do desastre sofrido pelas nossas tropas ao sul de Angola.

Vai regressar, pois, ao país, dentro em pouco, esse punhado de homens que afirmam duma maneira iniludivel a heroicidade duma raça e são o exemplo vivo da abnegação e do patriotismo que impulsionam o espirito do soldado até ao sacrificio da vida para salvar a honra dum povo defraudado, sim, mas não de todo abatido.

Eles que venham. Portugal saberá recebe-los condignamente e de alguma sorte os compensará dos sacrificios a que estivéram obrigados desde que ao cumprimento do dever foram chamados e dele se desempenharam de molde a bem merecerem da Patria reconhecida.

DR. AFONSO COSTA

As noticias referentes ao estado de saude do ilustre parlamentar, chefe do partido democratico, são, felizmente, quanto possivel satisfatorias e animadoras.

A semana que decorre envolve-se ainda no interesse, na anciedade com que todo o país procura saber novas de Lisboa ácêrca da marcha da doença do caudilho republicano, cuja perda neste momento seria uma das maiores desgraças para Portugal.

E' que Afonso Costa reune em si predicados tão complexos, á volta do seu nome prestigioso giram, gravitam hora a hora, minuto a minuto, instante a instante, tão delicados problemas de interesse colectivo, demandando de pronta resolução, que só uma alta mentalidade, como a dele, aliada á energia, á força de vontade e ao mais acendrado amor á Patria e á Republica, serão capazes de os resolver com prespicácia e acêrto, zelo e solicitude.

Congratulâmo-nos, portanto, com as informações que nos chegam e que vão até ao ponto de se considerar livre de perigo o eminente estadista, cuja vida está sendo velada carinhosamente por medicos dos mais distintos, que, como todos os bons portuguêses, como todos os patriotas, consideram justamente o sr. dr. Afonso Costa a suprêma encarnação da Republica, a que ele tem dado tudo sem olhar a trabalhos, sem se preocupar com agravos, sem desanimar perante os desgostos.

Um homem assim precisa viver porque, com ele, vive, progride e eleva-se uma Patria.

Novo comissario

Déram certos periodicos a noticia da nomeação do sr. Antonio Henriques Maximo Junior, nosso conterraneo e amigo, para comissario da policia civica deste distrito, mas que nos conste ainda no *Diario* não veio decreto algum nesse sentido, pelo que o sr. governador civil fez substituir o sr. dr. João Sucêna, interinamente ocupando aquele cargo, pelo sr. Francisco da Encarnação, em eguaes condições.

De direito cabia a Filinto Elisio Feio ir ocupar esse logar de que foi afastado no tempo da ditadura. Não pensam, porém, assim os dirigentes da politica local, o que continuâmos a lamentar, prometendo ocupar-nos em ocasião oportuna, e mais de espaço, das injustiças, das desconsiderações e dos vexames, mesmo, de que o bom e incorruptivel republicano tem sido alvo.

CARTA DUM EXPEDICIONARIO

Mossamedes, 11 de Junho

Estranharão os leitores do *Democrata* que a cinco dias apenas da minha ultima carta, lhes prepare nova *epistola* que terá como resultado darem por mal empregado o tempo dispendido na sua leitura.

Pensem e ajuizem sobre o caso como entenderem, mas o que eu não dispenso é congratular-me com todos os bons patriotas pelo gesto que marca o acto revolucionario de 14 de maio.

Recebi esta manhã os jornaes, que mãos amigas—amississimas—pontualmente me enviam e por eles conheci da grandeza heroica e genuinamente portuguêsa desse brilhante movimento, que libertou a Patria duma afronta—a ditadura, e definiu um regimen—a Republica!

Bem hajam quantos, impulsionados pelo mesmo sagrado amor da patria, por ela expozéram a vida, perdendo-a muitos embora, na ardencia da refrega, mas salvando com o seu inexcedivel sacrificio o que afinal meia duzia de traidores pretendiam apunhalar, julgando-se em país conquistado, de onde a coragem e o patriotismo tivéssem desaparecido!

Bem hajam, repetimos. E porque tudo caíu e todos os déspotas desapareceram, gloria, honra aos que, guiados por *mão de mestre*, déram o golpe decisivo nessa miseria moral e politica que se julgava *super omnia*, principiando nas teimosias imbecis dum militarão cabeçudo e acabando na manha cinica e traidora dum espertalhão pretencioso e odiento, bacharel como qualquer janota...

Viva a Republica!—tem sido o meu grito hoje por toda a parte.

* * *

Por aqui, a ditadura, tinha os seus admiradores que prudentemente emudeceram na presença da satisfação e do prazer que a noticia produziu nos bons republicanos, muitos dos quaes não podéram esconder as lagrimas de alegria que lhe vinham do coração.

E' que, cá fóra, distantes da Patria, o sentimento tem outra intensidade e o amor pelo nosso torrão querido, vibra todas as cordas da alma com tal ardor, com tal carinho, que só quem o experimenta poderá avaliar—que defini-lo talvez não hajam palavras.

Empanou um pouco toda a nossa alegria a noticia do atentado contra João Chágas, quasi imediata, do assassino e ainda a chegada a Lisboa da famosa esquadra que a Hespanha entendeu enviar para proteger os subditos de Afonso XIII!...

Que exagerada e provocadora prevenção!

Tristes arremêdos á *kaiser* e pronta resposta dos *aliados!*

A Inglaterra e a França enviaram os seus navios—não para proteger os seus nacionaes, mas para saudar a Republica Portuguêsa!

* * *

Chegam noticias de que os alemães, acossados pelos inglêses, entraram no nosso territorio.

Mais se diz que em bréves dias o general seguirá ao Lubango para marchar com as forças ali concentradas na pacificação do gentio, reocupação dos postos e *cumprimentar* os alemães se eles tivérem a amabilidade de nos esperarem.

No *Portugal*, chegou ontem artilharia 3, vinda do Lobito, existindo agora aqui apenas esta for-

ça e o 3.º batalhão de infanteria 18.

* * *

Mal diria, ao terminar a minha carta de 5, que a lembrança do dia de S. João, que naturalmente me ocorreu, assaltava o espirito de tantos outros camaradas que concertavam entre si um grande plano para um festival de arromba ao popular santinho. Está já aberta uma subscrição e ao que parece em honra do Precursor, teremos iluminação á veneziana no jardim, fogueiras, descantes, guitarradas, etc. etc. De dia, jogos *sportivos* e cousas várias. Pensa-se em convidar o gentio para a realisação dum *batuque*. Um delirio! Não está ainda definitivamente organisado o programa, mas se se conseguir realisar o que está em projecto, será, na verdade, uma festa digna de registo.

O melhor dela é que uns *liricos* apaixonados juraram aos seus *deuses* organisar uma *charanga* e vai daí arranjaram vários trombones e outras especies de instrumentos, e vá de atormentar a humanidade com furiosos ensaios e notas desafinadissimas, que nem o diabo póde ouvir.

E' uma infierneira ensurdecedora, a toda a hora, sem possibilidade, sequer, de podermos atinar com o que eles pretendem executar. Todavía os entusiasmados amadores, afirmam que hade ser uma cousa á altura dos seus meritos, do santo e da... terra! Veremos. Mas não minto confessando que espero, com impaciencia, o dia que me acordará tantas e tão saudosas recordações; as valsas dolentes nos braços trémulos das bélas *cachopinhas* que este ano, por aqui, só terei para substitui-las—infeliz de mim!—alguma preta a fingir que dança...

E mesmo isso... já é estar com sorte...

A. B.

Jurados criminaes

A relação dos individuos sorteados no principio do mez corrente para julgarem as causas crimes do segundo semestre de 1915, é como segue:

Aveiro—Luiz Pereira, Antonio Alves Videira, Arnaldo Ribeiro, Pompilio Simões Ratola, Antonio Simões Peixinho, Manuel Ferreira, José do Nascimento Ferreira Leitão, João Pinto de Miranda, Domingos João dos Reis, Francisco Pinto de Almeida, João Batista Garcez, Manuel Homem de Carvalho e Cristo, José Maria Sarabando, Elias dos Santos Urbano, Anselmo Ferreira, Eduardo Augusto Ferreira Osorio, Luiz Henriques, Antonio Augusto da Silva, João da Naia e Silva, Antonio Maria Ferreira e Albano da Costa Pereira.

Aradas—Antonio Gonçalves Bartolomeu, Manuel Germano Simões Ratola, José Ferreira Borralho, Manuel Simões Maia da Fonte, Manuel Simões Maio do Miguel, Antonio Ferreira Borralho, Inocencio Fernandes Rangel e Antonio da Cruz Pericão.

Ilhavo—Antonio Augusto Amador, Manuel Ferreira Jorge, Manuel Simões Teles Junior e Carlos Celestino Pereira Gomes.

Esgueira—Gonçalo Nunes dos Santos.

Eixo—José Fernandes de Jesus.

Povoa do Valado—Joaquim Vieira da Silva.

"O Internacional,,

Passou a denominar-se assim o antigo Café Gloria, ora pertencente á firma Barros & Gonzalez, que, para o tornar um estabelecimento á altura, procedeu desde já aos melhoramentos indispensaveis, contando, todavía, introduzir-lhe outros logo que as circunstancias permitam uma mais larga despêsa.

Instalado nos baixos do *Club dos Galitos*, no *Internacional* encontrará o publico tambem um variado serviço de *restaurant*, para o que tem pessoal devidamente habilitado, esforçando-se os proprietarios por bem servir os seus freguezes a quem garantem um bom e variado sortido de pastelaria, confeitaria e outros artigos de alimentação, tudo de primeira qualidade.

Nos ultimos dias tem havido excelentes concertos pela simpatica cançonetista espanhola Consuela Contreras, acompanhada ao piano por D. Gregorio Anton, o que tem chamado vasta concorrencia ao *Internacional*.

Oxalá os srs. Barros & Gonzalez a possam manter sempre como compensação da sua arrojada iniciativa.

Obra de arte

Ontem e no dia anterior esteve, como anunciámos, exposto na igreja de S. Domingos, o *paneau* destinado á igreja paroquial da proxima vila de Ovar, trabalho do nosso conterraneo, Carlos Mendes, que mais uma vez afirmou as suas apreciaveis aptidões e artisticos conhecimentos.

Entre a concorrencia, que foi numerosa, tambem comparecemos, e, sem pretensões a lisonja, a surpreza foi muito além da nossa espectativa.

Evidentemente não esperávamos vêr obra capaz de rivalisar com as de Murilo, Ticiano e Rafael, porque mesmo este genero é o da pintura decorativa, onde é dispensavel o detalhe, sem prejuizo, é claro, do *ensemble*; mas, todavía, não esperávamos o arrojo do proprio trabalho que, francamente o confessâmos, nos surpreendeu alegre e satisfatoriamente.

Terá defeitos, deficiencias, imperfeições? Não admirará para quem ha perto de 20 anos deixou os pinceis, como sucéde a Carlos Mendes, que, apesar do seu reconhecido talento, terá sofrido bastante com esse abandono quasi forçado.

Não é, pois, uma opinião de critico da arte, nem sequer de pobre mestre de oficio, aquela que aqui vamos traçar, mas uma simples descrição, consequente resultado das nossas impressões ao apreciarmos o magnifico trabalho do artista aveirense.

O *paneau* méde 7 metros de alto por 3,50 de largo, dividindo-se em duas partes: na de cima, onde, entre nuvens, se vê um grupo de anjos empunhando tochas acêsas e outros rodeando o calix aureolado por cabecitas de querubins, quiz o autor fantasiar uma alegoria, como apotéose á eucaristia, não faltando, para bem a caracterisar, o cordeiro pascal e outros motivos decorativos que a completam. Em todas estas figuras refléte-se a luz que irradia da hostia que encima o calix acentuando-se nestes refléxos muito bem tratados.

Um anjo, segurando uma fita onde se lê o versiculo de S. João —*Panis quem ego dabo caro mea est pro mundi vita* (o pão que eu dou é a minha carne, é a vida do mundo) anjo que parece vem a despenhar-se da mansão celeste, termina a parte superior.

Servem-lhe de fundo umas nuvens nimbadas na parte inferior pelo sol, que começa a declinar, fazendo com a atmosféra da parte de baixo do *paneau*, um contraste de colorido intenso, frisando assim a separação das duas partes de que se compõe a pintura.

A parte inferior é positivamente o *clou* do magnifico trabalho de Carlos Mendes.

A começar pela paisagem, bem caracterisada, das regiões orientaes, e a acabar nas figuras dos pretenciosas, flagrantes nas suas atitudes, é, sem duvida, um conjunto que agrada e surpreende.

A luz do ar livre, bem distribuida, circulando entre as figuras; a sua anatomia e roupagens não parecem tratadas de cór, como em verdade foram, o que dá bem viva a nota de quanto valem as aptidões do seu autor que pena é, dizemo-lo sincéramente, neste acanhado campo de acção tenha deixado passar o melhor tempo e estudo para afirmar todos os seus merecimentos, que são muitos e valiosos.

No desenho distingue-se um cérto escrupulo, bôa escola, muita sobriedade e uma escolha feliz nas personagens e respectiva distribuição. Todos bem proporcionados, acusando com precisão a prespectiva, não apresentam aquelas atitudes rigidas, academicas, que em geral destacâmos em quadros de egual genero.

E', sem duvida, um assunto religioso, mas nem por isso deixa de de tratar com o natural realismo, sem preconceitos, sem moldes, livre, independente.

Jesus Cristo, no meio do grupo, do qual algumas figuras estão reverentes, outras surprezas, dominando a parte inferior do *paneau*, é, incontestavelmente, uma figura bem lançada, proporcionada e pousando bem.

Com o braço direito erguido, aponta o céo, enquanto que, com a mão esquerda sobre o coração, como que se oferece em holocausto á Verdade que préga, que espalha entre o povo, por quem morreu.

A paisagem é retintamente caracteristica. E' bem um reflexo daquelas paragens. Terreno arido, rochoso, basaltico; umas decrépitas palmeiras juntas ao tumulo dum califa, distante; uns catos espalmados, eriçados, complétam de uma maneira adequada toda a *mise-en-scene*.

Terminando esta simples apreciação, que por principio algum póde aspirar a fóros duma critica, por falta de conhecimentos técnicos e artisticos de quem a faz, ela assenta, contudo, na sinceridade com que escrevemos e na justiça que fizémos ao magnifico e complêto trabalho do nosso bom amigo Carlos Mendes.

Com os nossos parabens, os mais sincéros votos para que muitas ocasiões, como esta, sobrevenham e assim estimulado, Carlos Mendes, para que crie novas producões e tenhâmos o prazer de as apreciar e discutir, como sabemos.

O LICEU

No *Diario do Govêrno* do dia 8 vem publicado o projecto de lei que autorisa a elevação a central do liceu de Aveiro, não tendo, porém, execução sem que a Câmara Municipal, por si só, ou associada a algumas do distrito, se responsabilise perante o Govêrno, em fórma legal, pelo aumento de despêsa resultante da mesma lei.

Está, pois, confirmado o que dissémos no numero transacto. Do municipio e só dele depende que a justa pretenção dos aveirenses se transforme em realidade, pelo que achâmos inutil mexer mais no assunto a não ser para louvar os representantes do concelho caso eles consigam aquilo porque parecem estar empenhados.

Eleição da Mizericordia

Precisamente á hora a que o nosso ultimo numero entrava na maquina, reuniram na sala do despacho da Santa Casa alguns irmãos, tendo logar a eleição da nova meza, que ficou assim constituida:

Provedor, Lourenço Simões Peixinho; *escrivão*, Inacio Marques da Cunha; *tesoureiro*, João José Trindade; *mesarios*, Eduardo Osorio, Luiz da Cruz Moreira, Guilherme Augusto Pinto, José Marques de Almeida, Luiz Henriques, Francisco Estevam Ventura, Tomaz Vicente Ferreira, Antero de Almeida e Domingos Pereira Campos.

Então gritámos nós —*álerta!*—porque, havendo nésta pia instituição uma *concronha* ou marca de que só fazem parte *firmas* dum certo cunho, nos parecia que éra tempo e mais que tempo de acabar com esse mecanismo gasto e manhoso para que os *amadurecidos* hospitaleiros se não eternisassem. Esse grito repetimo-lo hoje ao vêr de novo no poleiro uma parte da tal *concronha* e já agora havemos de ir até onde fôr preciso, tão indispensavel se torna o arejamento do vasto recinto em que a talassaria se tem acoitado.

Temos muito que falar, muitissimo, visto ser esse até o desejo de alguns irmãos que nos merecem toda a consideração.

Bréve será.

ABALO DE TERRA

Pelas 11 horas e 28 minutos de segunda-feira sentiu-se tanto nésta cidade como em vários pontos do país, um ligeiro abalo scismico que ainda assim assustou os que facilmente perdem a serenidade em presença de qualquer caso anormal.

O fenomeno não produziu efeitos desastrosos, registando os observatorios apenas um abaixamento de temperatura de passo que o acusavam com toda a exatidão.

Notas mundanas

Chegou á metropole acompanhado de sua familia, o nosso velho amigo dr. Amorim de Lemos, que em Quepem, India Portuguêsa, desempenhou durante alguns anos o cargo de Delegado do Procurador da Republica, conquistando geraes simpatias.

O sr. dr. Amorim de Lemos tenciona demorar-se uns poucos de mezes na Europa depois do que seguirá para o Congo onde foi colocado após a sua promoção a juiz de Direito.

Afectuosamente o abraçâmos.

✠ *Esteve em Aveiro, de passagem, o sr. dr. Abilio Justiça, medico especialista de doenças de olhos, com consultorio em Coimbra.*

✠ *Regressou ao seu logar nésta cidade o sr. Mario Duarte, inspector do sêlo.*

✠ *Acha-se em tratamento no balneario de La Toja, Espanha, o nosso presado amigo e conceituado negociante, sr. João da Cruz Bento a quem apetecemos prontos alivios aos seus sofrimentos.*

✠ *Deu á luz um menino, que foi já registado, a esposa do nosso assinante sr. Sebastião Nunes Dias, residente na capital. Recebeu o nome de Elias Soares Pereira, tendo sido padrinhos a avó materna e o sr. Elias J. da Conceição.*

Os nossos parabens.

✠ *Tem passado ligeiramente encomodada a esposa do digno primeiro sargento de infanteria 24, Celestino da Silva.*

✠ *Encontra-se nas termas de S. Pedro do Sul, o sr. Francisco Valerio Mostardinha, de Nariz.*

✠ *Está em Aveiro a sr.ª D. Joana Gomes de Faria e sua ex.ma filha.*

✠ *Depois de ter passado uma temporada na Curia, regressou a esta cidade o sr. Augusto Guimarães.*

✠ *Com sua esposa veio de Coimbra o aplicado aluno de Direito na Universidade, sr. Antenor de Matos.*

A PERDA DA BARCA "AFRICANA,,

Fomos pessoalmente colher informações relativas á situação em que ficáram as familias dos maritimos que compunham a tripulação da barca *Africana*, cujo naufragio noticiámos no ultimo numero, devido á falta de noticias sobre o seu paradeiro vai já para quatro mezes.

Como dissémos, dez dos tripulantes são naturaes de Ilhavo, dos quaes, cinco, com mulher e filhos, ficando tres delas lançadas na mais pungente e dolorosa miseria: Joana Agualuza, com 3 filhos; Rosa dos Santos, com 5 filhos e Maria da Silva, impossibilitada de trabalhar, com 5 filhos também. Ha ainda Joana Rosa, com 1 filho e a esposa do capitão, Maria Capela Cochim, com quatro filhos.

Esta ultima, porém, não a surpreendeu a fatalidade absolutamente falha de recursos, mas as tres primeiras não teem uma côdea com que matar a fome aos desamparados orfãosinhos, que nem medem, na sua inconsciencia, a formidavel grandeza da desgraça que os fulminou.

Escrevemos subjugados por a intensidade desta desgraça, que não podemos, infelizmente, atenuar sequer, lembrando-nos, todavía, que a furia e o egoismo dos homens todos os dias consome milhares de contos que representariam o pão e o conforto a outros tantos milhares de desgraçados.

A todas as almas caridosas que queiram partilhar duma das mais bem merecidas obras de misericordia nos oferecemos para receber qualquer donativo ou roupas que possam ir minorar o quanto mais pungente que temos visto.

Ao ilustre capitão do porto, alma de marinheiro, que melhor do que ninguem poderá bem medir no seu esclarecido espirito a amargura infernal da hora derradeira desses que as ondas inexoravelmente sepultaram; coração sempre disposto a atender os queixumes dos que sofrem e dos que tem fome, vimos pedir a sua intervenção valiosa a favor dessas creancinhas, dessas mães e viuvas martires que só tem lagrimas para repartir com os filhos que lhes pedem pão.

Entregâmos nas mãos do honrado cidadão, ornamento dos mais distintos da nossa distinta marinha de guerra, esta petição que, não vindo assinada, por ignorancia dos peticionarios, vem, contudo, humida das suas lagrimas, das lagrimas dos infelizes, que perderam nos paes todo o seu arrimo, toda a sua protecção—desde o prazer de terem pae até ao pãosinho que eles lhe traziam arrancado, embora, entre torturas, nessa luta persistente e traidora contra o poderoso elemento.

Estâmos cértos que essas infelizes, de quem somos, neste momento, desinteressados intermediarios, hão-de fazer-se ouvir pela autoridade maritima, o sr. capitão do porto Jaime Afreixo, que por sua vez levará até junto das instancias superiores a petição dos orfãosinhos, das viuvas, que em nome do mais elevado e piedoso sentimento—a Caridade—pedem o auxilio que humanamente se lhes deve.

A *Caixa de Socorros a Naufragos* não deixará tambem de ouvi-los. O ponto é que sr. Jaime Afreixo lance os seus olhos misericordiosos para o negro quadro que cobriu de crépes todo um concelho a que não é indiferente as lagrimas vertidas pela desgraça dos seus municipes.

CONVOCAÇÃO

Tendo os cidadãos eleitos em 26 de junho, para fazerem parte das comissões municipal e paroquiaes politicas do Partido Republicano Português no concelho e cidade de Aveiro, resolvido não tomar posse dos seus cargos, são convidados todos os cidadãos inscritos no cadastro do mesmo partido a comparecerem no proximo dia 20, pelas 21 horas, na sala das sessões do "Centro Escolar Republicano,, afim de se proceder a nova eleição das comissões referidas.

O secretário da Comissão cessante,

Antonio Felizardo

PELA IMPRENSA

Vem de saír em Castélo Branco um novo periodico intitulado *Liberal*, que se propõe defender a politica do Partido Republicano Português.

No seu primeiro numero insére o retrato do sr. Dr. Afonso Costa, a quem presta a devida homenagem. Sob o ponto de vista politico diz que fará obra de propaganda e depuração da Republica, honrando, assim, o partido em que enfileira.

Cumprimentâmos o novel colléga.

=Passaram ha dias os aniversários do *Jornal de Coimbra* e dos *Successos*, este ultimo publicando-se no Corgo Comum, proximidades de Ilhavo, pelo que nos é grato felicita-los bem como aos seus redactores principaes.

=*Aurora Caciense*—Com este titulo vai aparecer, na primeira semana no proximo mez de Agosto, um hebdomadário republicano e noticioso que se publicará na freguezia de Cacia, deste concelho, o qual se dedicará á defêsa dos interesses désta terra, pugnando pelo seu progresso e abrindo um vasto noticiário que levará o conhecimento de factos ocorridos á numerosa colonia ausente. Tambem se propõe abrir uma secção de muita utilidade que a todos aproveite.

Festivaes

Iniciam-se no proximo domingo os que a antiga companhia dos Bombeiros Voluntarios promove na cêrca, que foi, do convento de Jezus e cujo produto se destina á reparação do material de incendios e compra de vários objectos imprescindiveis no novo quartel que anda a ser levantado junto ás escolas primarias, centraes, da freguezia da Gloria.

Neste primeiro festival tomará parte o Grupo Scenico Aradense, que representará o emocionante drama em trez actos, *Sombra e Luz*, habilmente posto em scena pelo amador João Teles, tocando nos intervalos a banda da corporação algumas das melhores peças do seu variado reportorio. Todo o recinto será iluminado á veneziana e pois que constitue uma perfeita novidade para Aveiro a iniciativa dos bombeiros, é de presumir uma larga concorrencia ao referido local onde os frequentadores encontrarão as possiveis comodidades para bem passarem alguns momentos agradaveis.

Pelo correio

Deixou já as suas funções de chefe dos serviços telegraficos deste distrito, o seu antigo director, sr. Aristides Lobo.

Para s. ex.ª tivémos aqui merecidas palavras de apreço e de justiça, não só pelo acerto e ponderação na superintendencia do seu logar como ainda pelas inequivocas provas de leal dedicação ao regimen, que sempre o encontrou firme e zeloso no seu posto, nas horas em que preciso era todos estarem álerta.

Resultante dos seus bons desejos de garantir á população o maximo beneficio nos serviços postaes, s. ex.ª conseguiu que superiormente fosse prolongado até ás 18 horas a apresentação de registos, vales e encomendas e até ás 19 a recepção da correspondencia oficial, o que é incontestavelmente proveitoso para todos nós. Tambem a correspondencia até á Sarnada, começou a ser conduzida pela linha do Vale do Vouga o que é de superior vantagem para os povos por ela servidos.

Desejando ao distinto funcionario todas as prosperidades, que bem merece, mais uma vez consignamos os nossos votos para que por muito tempo possa ainda prestar os seus serviços de dedicação e de lealdade ás instituições.

Basta de caridade!

Lá diz o rifão que *a verdadeira caridade começa por nós!* Evidentemente a beneficencia bem merecida e toda aquela que não implica flagrante e injusto prejuizo para os que dela precisam, sem subterfugios nem habilidades; os que precisam dela porque tem na verdade fome; os que precisam porque ela representa o pão para o corpo dos filhos semi-nús e não para aqueles que ostentam belas fatiotas, fardas e estudam em universidades...

Caridades destas, bradam os céos contra elas, embora não protéstem os beneficiados.

Mas... protestâmos nós e cértamente acompanhados por todos quantos de tal tenham conhecimento.

Pois póde lá ser isto, ex.mo sr. governador civil?!

Que nos responda a pureza dos principios de s. ex.ª e o preito que sempre lhe mereceu a justiça e a verdade das cousas.

Já não bastavam os selos, vem agora a pobreza... beneficiada a mensalidades cértas e chorudas!

Nada, nada—não póde ser! Basta de sugar a têta do tesouro por todos os feitios e processos!...

Prova real...

Numa das primeiras sessões da Câmara dos Deputados, efectuada após o desastre sucedido ao chefe do partido democratico, o presidente dessa sessão, aludindo a tão lamentavel ocorrencia, exclama:

A triste noticia do lamentavel desastre sucedido a um dos membros desta camara, o sr. dr. Afonso Costa, trouxe a todos os bons portuguêses, áqueles que amam devotadamente a sua patria, um sobresalto de quem ia sofrendo uma perda nacional, dificilmente reparavel no momento angustioso que o país atravéssa. Tem a fatalidade, infelizmente para todos nós, nos ultimos tempos, atingido vultos dos mais prestigiosos da Republica. Não ha dois mezes que o sr. João Chagas sofreu um atentado pessoal; agora é o sr. dr. Afonso Costa que sofreu um desastre que todos lamentam. O sr. dr. Afonso Costa é dentro da politica nacional uma figura de tal destaque, são tantos e tão valiosos os serviços prestados á causa republicana, que ele, presidente, julga traduzir o sentir dos seus colégas, propondo que na acta daquéla sessão se consigne um voto de profundo pesar por esse lamentavel desastre, exprimindo-se o desejo de prontas melhoras para que possâmos, em bréve, vê-lo entre nós, ocupando aquele lugar que os republicanos lhe marcaram naquela mesma sala do Parlamento, desde os tempos remotos da propaganda em que ele mostrou os seus sacrificios pela Patria e pela Republica.

Na mesma ordem de ideias fala um deputado em nome da maioria parlamentar e em seguida o sr. Simas Machado, *evolucionista*, que assim se exprime:

Em nome da direita da Camara associa-se ao voto de pesar proposto pela presidencia, para se consignar na acta da sessão um voto de sentimento pelo desastre sucedido a um membro daquela casa. Podemos nós divergir a dentro do campo politico das opiniões, das ideias, dos principios e dos pareceres do Partido Republicano Português, mas cèrto é, e incontestavel, que naquele momento, tão doloroso para ele, nós, impressionados na sua grande magua, no seu cruciante pezar, pelo desastre que sofreu o seu ilustre chefe, o ex.mo sr. Afonso Costa, o acompanhamos do coração, lamentando esse desastre, fazendo, ao mesmo tempo, veementes e sincéros votos para que, dentro em bréve, s. ex.ª completamente restabelecido, volte a ocupar o seu lugar de deputado, para servir bem a Republica e para continuar prestigiando com as fulgurações do seu talento e da sua eloquencia a Camara dos deputados.

O sr. Aresta Branco, *unionista*, diz:

Poucas palavras, porque elas não são precisas, para enaltecer as qualidades do chefe do Partido Republicano Português, nem para exprimir o nosso sentido. Basta dizer que, em nome da União Republicana, se associa, com sentimento, ao pesar que compunge a maioria, fazendo ardentes votos para que, e nisto se exprime tudo, no mais curto praso possivel, o sr. dr. Afonso Costa seja restituido, com saude, ao seio da familia, ao seio do Parlamento.

O sr. Costa Junior, *socialista*:

Tambem em nome da minoria socialista, se associa ao voto de pesar proposto pelo sr. presidente, em virtude do desastre que sucedeu a um dos membros mais prestimosos do Partido Republicano Português, anelando que o sr. dr. Afonso Costa, que considéra a figura mais eminente da Republica Portuguêsa, retome depressa o seu lugar de deputado a fim de, com a sua boa vontade, com o seu reconhecimento e com as suas luzes, nos encaminhe nos debates politicos, para o bem da Patria e da Republica.

Por ultimo, fala desta maneira o sr. Castro Meireles, *católico*:

O acontecimento lutuoso que todos, nesta hora, lamentam, obriga-o tambem a tomar a palavra para se associar aos votos ardentes da Camara pelo pronto restabelecimento do sr. dr. Afonso Costa. Sendo um deputado católico é, porventura, inimigo politico do dr. Afonso Costa, mas o que é cérto é que reconhece em sua ex.ª grandes qualidades de combatividade, qualidades de energia e qualidades de talento e de abnegação invulgares. Além disso no seu coração, como em todos os corações católicos, não póde haver resentimento, antes, pelo contrário, tem que haver compaixão, tem que haver piedade. Faz, portanto, muito sincéramente, votos pelo rapido restabelecimento do ilustre chefe do Partido Republicano Português.

Todas estas opiniões, publicamente manifestadas no seio da representação nacional, ácêrca do homem que mais combatido tem sido no nosso país, assim reunidas, são, quanto a nós, dum alto valor porque se prestam á maravilha para confundir os paspalhões que consomem a vida a blasfemar do sr. Afonso Costa, incontestavelmente a primeira figura que consubstancia a Republica, servindo-lhe de esteio.

Se até a sr.ª D. Julia de Brito e Cunha, senhora muito conhecida, que duas vezes esteve presa como conspiradora monarquica, reconhece a falta do ilustre estadista, fazendo votos a Deus pelas suas melhoras...

RELATORIOS

Estão publicados pela *Sociedade Portuguêsa da Cruz Vermelha* os relatorios apresentados á Comissão Central sobre os serviços prestados nos dias 14, 15 e 16 de Maio do corrente ano em Lisboa e Porto, a quando da revolução que teve por fim derrubar a ditadura, por onde se vê que na capital foram pensados em todos os postos pelos clinicos da Sociedade nada menos de 248 feridos além de 31 pessoas, entre militares, civis e policias, cuja morte fôra imediatamente constatada, seguindo para a morgue.

Os relatorios descrevem o que se passou nesses dias agitados, de luta fremente entre o despotismo e a Liberdade, tecendo os mais rasgados elogios ao valor, abnegação e altruismo de todo o pessoal da Sociedade e pois que a sua divisa — *Inter Arma Caritas* — uma vez mais foi confirmada, vão para éla todos os louvôres a que tem jus, inclusivé os deste jornal, pelos serviços prestados, com risco da propria vida, por esse punhado de valorosos rapazes que fazem parte de tão util instituição.

Horario do trabalho

Atendendo ás reclamações do comercio local, a câmara deliberou suspender temporariamente o regulamento do horario de trabalho no concelho de Aveiro, que havia elaborado, ficando á espera que os interessados a habilitem a elaborar outro que menos o prejudique e dê aos empregados o descanço que a lei impõe.

Não era bem melhor que se tivésse feito, de principio, obra que evitasse estas alterações?

Novo estabelecimento

Comunica-nos o sr. Antonio R. Modesto que, chegando ha pouco de Lisboa, acaba de abrir um *atelier* de alfaiate na rua do Gravito n.º 25-A, a que poz o nome de *Rigor da Moda*, onde se propõe confeccionar toda e qualquer obra concernente á sua arte pelos mais modernos sistêmas adoptados pelos mestres nacionaes e estrangeiros.

Desejâmos que seja feliz.

Uma representação

—=(*)=—

Os secretários e amanuenses de grande numero de administrações do concelho acabam de dirigir ao Parlamento a seguinte petição:

Excelentissimos Senhores Deputados

Ninguem póde negar que o novo regimen, desde a sua implantação, tem prodigalisado inumeros beneficios aos cidadãos que compõem as classes que prestam serviço ao Estado, elevando os seus vencimentos e dando-lhes garantias que outr'ora não tinham.

Ha, porém, uma classe que, embora não fôsse esquecida, não se aquece ainda ao sol benfazejo da Republica.

E' a classe dos empregados das administrações dos concelhos.

Na atualidade os proventos dos lugares de secretário, amanuense e oficial de diligencias estão imensamente reduzidos.

Na sua quasi totalidade eram os primeiros daqueles funcionários os secretários das antigas juntas do arbitramento das congruas paroquiaes; extintas estas, com élas desapareceram as gratificações assás importantes, que aqueles recebiam pelos serviços prestados.

Das administrações desapareceram as execuções fiscais administrativas.

Passou para as câmaras municipaes a organisação dos processos de habilitação para a fundação de estabelecimentos incomodos, insalubres ou perigosos, pertencentes á 3.ª classe.

Tudo isto ocasionou gràves prejuizos.

Acresce ainda que muitos secretários, tendo já pago ha anos os antigos direitos de mercê, encontram-se agora, alguns no ultimo quartel da vida, descontando mensalmente do seu ordenado a prestação destinada ao pagamento dos direitos de encarte.

Se precária é a situação actula dos secretários, a dos amanuenses é tristissima, quasi desesperada.

Se os vencimentos dos secretários são insignificantes os dos amanuenses são insignificantissimos.

Se os emolumentos dos secretários são diminutos o dos amanuenses pódem considerar-se nulos.

Como hade viver um empregado casado e com filhos, tendo de sustentar sua familia, vestir, calçar e educar, ainda que modestamente, seus filhos, sustentar e remunerar pelo menos uma servente, satisfazer a renda da casa e as contribuições, pagar ao medico e á farmácia e apresentar-se decentemente vestido na sua secretaría, recebendo por mez nos concelhos de 1.ª ordem 13$33 e nos demais 10$00, quando a vida por toda a parte está carissima?!

Da miseria em que vivem os oficiaes de diligencias, depois que lhes tiraram as execuções administrativas, não nos atrevemos a falar; vivem apenas com os seus limitadissimos ordenados que nos concelhos de 1.ª ordem são 8$33 e nos outros 6$66 mensaes!!

Estando já aprovada pela câmara de Vossas Excelencias a parte do codigo administrativo que ainda não está em execução e sobre a qual já tambem se pronunciou o Senado, os abaixo assinados veem respeitosamente rogar a Vossas Excelencias se dignem patrocinar a sua causa que é merecedora de toda a justiça, deliberando seja convertida já em lei aquéla parte do novo codigo, ou, não aceitando Vossas Excelencias as emendas do Senado, determinem se cumpra o preceituado no artigo 33 da Constituição, a fim de ser posta em vigor o mais bréve possivel a tabela dos vencimentos dos funcionarios administrativos que faz parte do novo codigo, o que, além de não ir sobrecarregar o cofre do Estado, representa um acto da mais inteira justiça.

Saúde e Fraternidade

Julho de 1915

(Seguem as assinaturas)

Realmente são bastante exiguos os vencimentos destes funcionários administrativos e, se os compararmos com outros, chegâmos até a concluir que são verdadeiramente mesquinhos. Precisam, portanto, de ser melhor pagos. Que haja alguem que se interesse por eles, que olhe pela sua situação, mas de modo a que o contribuinte não gêma sob o peso de novos encargos. Isso não. De resto, se os *tubarões* deixarem de comer menos, para nós é ponto de fé que não espicham o canêlo...

CARTA

—=(*)=—

... *Sr. Redactor*

Queira V. dispensar-me um pequeno espaço nas colunas do seu jornal, para poder desabafar os meus sentimentos a proposito da terra que me serviu de berço.

Não tenho direito nenhum a censurar a Oliveirinha, porque lá é que fui criado. Mas sim lamento que os seus habitantes e meus conterraneos não sáiam da inercia em que se encontram.

Porque é que na Oliveirinha, sendo uma terra tão rica e que tem tanta gente que sabe lêr e escrever, não se arranja um correspondente que, no jornal, defenda os interesses da freguezia, pugnando pelo seu progresso e ao mesmo tempo nos dê noticias do que de mais importante se lá passa? Porque é?

Póde-se roubar, matar, ofender, fazer tudo, que quem está fóra da terra nada sabe.

De donde nasce a falta?

Eu o digo: é dos meus proprios

Os sicários seríam recolhidos em S. Mamede de Infesta, na Quinta do Alão, residencia dos famosos Albuquerques!...

Uma pena de creatura, este Mélinho!

Coisas que á mente veem—A firma Taylor & C.ª, de Lisboa—Pormenores sobre o contrabando do armamento—Rebenta a bexiga entre manuelistas e miguelistas! —O "Mijarêta„ defendendo os seus galões -Aqui de Azevedo Coutinho que houve traição militar!... —Um grande plano!

Triste coisa! Agora que chegam á nossa banca de trabalho as mais extraordinarias revelações, fica-se a gente a pensar em tudo quanto sucedeu ha doze mezes passados!

Surgem ainda figuras congestionadas acusando republicanos de terem urdido uma pavorosa infamia; estalam aos nossos ouvidos as invectivas que se arremessaram sobre o Partido Republicano; o ruido dos desvairados, arremessando sobre a patriotica vigilancia dos nossos queridos correligionarios, as mais descoroaveis afrontas, zumbe ao nosso entendimento como uma tempestade de odios, de suspeitas e de agressões!

Triste coisa!

Não porque não tivéssemos e não tenhâmos ainda animo bastante forte, honra bastante lisa e consciencia suficientemente calma, para vencer essa avalanche de impropérios com que nos pretenderam esmagar. Mas doeu, caramba! Aquilo fez-nos sofrer! Eram os companheiros de todas as lutas, de todos os sacrificios, de todos os perigos, que nos acusavam, que tomavam lugar ao lado dos traidores, para nos arremessarem punhados de lama!

Vejam agora quanto zelo, quanto amor, quanta abnegação, quanta dignidade, quanta cautela, marcou a generosa taréfa dos queridos amigoa, dos doidos de amor pela Republica! Não tomem estas palavras como recriminações, mas

sas vindas por Lanhelas em 16, 17 e 21 de agosto, as quais deviam ter exgotado o melhor dos capitaes. Ficou o Mélinho encarregado de os reforçar.

Efectivamente Cecioso de Sá e Melo expedia, pouco depois, para a Galiza, um chéque de tres mil e duzentas pesetas. O Mario Neves, de S. Mamede, intimo do Almiro de Vasconcélos, apareceu na Galiza com mais 800 pesetas, apresentando-se com uma recomendação do Mélinho e entregando-as ao reitor de Caminha, Sá Pereira. Estas oitocentas pesetas, recomendava o Cecioso, juntas ás 3.200 entregues anteriormente, completavam a soma destinada á compra do armamento pedido pelo comité de Lisboa!

O CANARIM CONSTANCIO TEM MÊDO —QUEM GUARDOU AS ARMAS EM LISBOA

Procurava-se, neste ponto, o fiel depositário do armamento que seguiria para Lisboa. O Constancio, um dos mais mexediços e astuciosos conspiradores, escusou-se. Cobarde de natureza, teve mêdo e protestou que, sendo vigiadissimo, não podia guardar as armas. E deu homem por ele, um amigo de suas relações e inteira confiança, o célebre Diogo Peres, morador ao tempo na rua Sabino de Moura M. H. P., em Lisboa, e que agora é acusado de cumplice no atentado frustrado da praia das Maçãs contra o grande estadista dr. Afonso Costa.

De facto este scelerado *agachava*, pouco depois, uma remessa de 48 pistolas automaticas. Lisboa começou recebendo assim o seu armamento, indo depois 36 pistolas para a rua Ribeiro Sanches, n.º 40-1.º por indicação do Vitor Claro, conspirador *alfacinha* e mais 36 que o Vitor Claro e o Avila Lima esconderam no escritorio deste, na rua Augusta, n.º 166-1.º.

Com esta remessa sobressaltaram-se os nossos correligionarios. No mesmo predio tinha um medico, nosso correli-

conterraneos. E porquê? Porque gastando-se do dinheiro em coisas de menos utilidade, não querem comprar jornaes para se instruirem e vêr o que vai pelo mundo. Pois dou-lhes de conselho: assinem o *Democrata* que é o jornal politico que não só instrue como ensina e defende os mais puros ideiaes.

Quando foi do govêrno da ditadura ficou a Oliveirinha manchada sem ter quem a defendesse. Ficou tudo apontado como monarquicos, e muitos sem o serem. Receberam essa afronta os republicanos e não se defenderam dos insultos recebidos.

Assinae, pois, o *Democrata*; creai um correspondente, instrui-vos para que vos possais defender quando fôr preciso. Com bastante magua vos digo isto, mas não é por mal, antes pelo contrario, o meu empenho é tão sómente tornar conhecida a minha terra e vêr elevados os meus patricios.

Termino por lhes pedir desculpa deste desabafo e V., sr. redactor, creia-me sempre

Atento e venerador

Lisboa, 7 de julho de 1915.

Benjamim Marques Diniz.

O PROBLEMA CEREALIFERO

Historia de um bago de trigo

No verão de 1906, encontrava-se no extrangeiro um hespanhol que, já de regresso ao seu país, ficou surpreendido quando, no caminho, teve ocasião de contemplar e admirar uma pequena parceia de terreno ocupada por certa variedade de trigo, especialmente extranho pela fórma e pelas dimensões das espigas. Desde logo pediu que lhe déssem ou vendessem algumas déssas espigas para leva-las para o seu país, mas responderam-lhe que não davam nem vendiam. Apezar disso, teve o viajante a necessaria astucia para conseguir chegar a casa com trez grandes e formosas espigas, de fórma rara, parecendo cada uma délas uma mãe rodeada de muitos filhos, pois que, da espiga principal sobresaía uma porção de pequenas espigas, todas élas carregadas de bagos redondos, bem que um pouco mais curtos do que os do trigo ordinario do país, porém pezando quasi o mesmo.

Debulhadas as trez espigas, verificou-se que continham mais de 150 bagos cada uma. Distribuiram-se os bagos por vários conhecidos e amigos, ficando um destes unicamente com dois bagos, os quaes semeou num pequeno vazo. Os dois nasceram bem, mas daí a alguns dias, um gato, arranhando a terra, arrancou os dois pequenos grãos já germinados.

Novamente se plantaram, mas só um se desenvolveu bem. Cultivou-se, mais por curiosidade do que por qualquer outro motivo, até que, pelos fins do inverno, começou a apresentar um aspecto amarelo de mal *cariz*. Supôz-se que isso fôsse devido á pequena dimenção do vazo, e logo se fez a trasplantação para uma pequena cova aberta em pleno campo, verificando-se então que já não existia terra no vazo, pois que este se enchera completamente com as raizes da planta de trigo.

Na cova aberta no campo é que a planta se desenvolveu e cresceu por uma fórma extraordinaria, começando a aparecer desde logo as espigas, em numero de 16, as quaes, entretanto, foram devastadas pelos pardaes. Foi então que se decidiu resguardar a planta por uma rede de arame, e só assim se conseguiu livra-la da voracidade dos pardaes e obter 66 bagos completos e perfeitos.

No mez de Outubro do ano seguinte semearam-se estes bagos na proximidade de outras plantações de trigo, de fórma porém que os pardaes não os devastassem de novo, e verificou-se que dos 66 bagos, saíram mais de 6.000, parte dos quaes foram oferecidos a conhecidos e amigos, ficando a outra parte para ser semeada, com o èspaço de um palmo de bago para bago, nascendo assim, em linhas ordenadas quasi todos os bagos semeados, cêrca de 4.000, pouco mais ou menos.

Com o fim de limpar a terra de hervas nocivas e provocar uma cultura melhor, fez-se um pequeno trabalho de enxada, mas como as plantas de trigo se parecem muito com as que se queria arrâncar, as mulheres encarregadas deste serviço arrancaram aproximadamente a quarta parte das plantas de trigo. As restantes desenvolveram-se muito bem, produzindo bastantes e formosas espigas, tão desenvolvidas que, chamando a atenção das pessoas que as viam, estas levaram algumas, de fórma que ficaram unicamente cêrca de 27.000 bagos para a colheita do ano seguinte.

Semeado á mão, nos ultimos dias de novembro, sofreu este trigo um verdadeiro calvario: todos quantos por ali passavam arrancavam e levavam espigas; mas, apezar disso, ainda se poude conseguir recolher duas quartas e mais de bagos, ou seja a aproximadamente dois milhões setecentos e cincoenta mil grãos de trigo.

Eis qual foi o resultado de um bago semeado em 1906, apezar de todos os desastres de que foi vitima durante os anos necessarios para tal fim. A produção foi pois de 100 por 1 em cada ano.

Todos os anos a sementeira foi feita em terra fertil, porém seca; mas, em 1910, semeou-se em terreno sáfaro, espesso e abandonado ás suas proprias forças, para provar o gráu de fecundidade do trigo. A produção foi tambem enorme, bem que, como é natural, fôsse menor o seu coeficiente.

Ha a notar uma circunstancia e é éla que a palha é semi-cheia na sua maior parte e cheia no terço superior, o que faz com que este trigo não sofra molestia, apezar do frio, das humidades e dos ventos tardios. E não obstante, o pezo da palha comparado com o do trigo, não mantém a proporção habitual do trigo ordinario, pois assim como a palha deste ultimo costuma representar dois terços de pezo total da colheita, no trigo de que tratamos acontece o contrario, pois é o trigo que peza dois terços do pezo total. De maneira que sendo trigo ordinario, cada 100 kilos de trigo dão 200 kilos de palha; no trigo de que falamos, 100 kilos de trigo só dão 50 de palha. Esta circunstancia é bastante importante para a produção, visto como o grão do trigo é que valorisa o preço da unidade, e esta obtem-se com menos adubos.

E' de notar ainda que um lavrador que ensaiou uma espiga do campo em questão, obteve 14 kilos de grão, o que equivale a cêrca de 2.000 por 1. Não se póde pedir mais a uma variedade de trigo que produz o minimo de cem por cento e que, com pouco trabalho, enche o celeiro e realisa o sonho doirado do lavrador.

Tal é o extracto de alguns artigos publicados o ano passado pela revista agricola *El Cultivador Moderno*, de Barcelona. E como eles déram origem a vários ensaios feitos por diversos lavradores que, na sua quasi totalidade conseguiram resultados maravilhosos, deles falaremos oportunamente, por ser assunto que muito interessa ao desenvolvimento da produção cerealifera do nosso país.

Boletim

Enviou-nos a Associação dos Comercialistas Portuguêses, com séde em Lisboa, o seu primeiro boletim, agora distribuido, que entre outros assuntos trata dos seguintes: *Psicologia do comerciante—Condições a que deve satisfazer uma contabilidade racionalmente organisada—Seguros de vida—A pesca de arrasto a vapor em Portugal—Ideias geraes sobre a creação da industria de seguros—Credito agricola em Portugal—Interesses de classe*, findando com a relação dos comercialistas portuguêses e suas profissões.

Agradecemos a deferencia.

CONVITE

Conforme o determinado nos artigos 25.º e 26.º da Lei Organica do Partido Republicano Português, são convidados todos os eleitores da freguezia de Esgueira, concelho de Aveiro, que em conformidade com o art.º 3.º da mesma Lei Organica sejam membros do referido Partido, a comparecerem na séde da Comissão paroquial politica, sita na casa do cidadão Elisio Filinto Feio, á rua 5 de Outubro, no proximo dia 27 do corrente pelas 20 horas, afim de se proceder á eleição dos cidadãos que hão-de fazer parte da nova Comissão durante obienio de 1915 a 1917.

Esgueira, 14 de Julho de 1915.

O Presidente da Comissão paroquial politica,

Elisio Filinto Feio

gionario tambem o seu escritorio e os vigilantes amigos da Republica indicaram-no como sendo o depositário das armas, equivoco naturalissimo e que bem demonstra o zelo que eles sempre puzéram ao serviço da sua causa.

Ora, como iamos contando, já havia pistolas em Lisboa, mas os conspirantes lisboetas não queriam pistolas! Era um armamento vulgar e pobre. Para quê as pistolas? Carabinas, carabinas é que eram coisa fina! Mandem carabinas, pois!

O Cecioso de Melo, no entanto, escrevia para o conde de Azevedo elucidando estes e outros episodios.

Saboreiem os leitores a prosa do infatigavel inimigo da Republica:

Meus presados amigos:

Estam a fazer-se as ligações militares do **comité** *com os corpos das provincias.*

O tenente Coutinho só póde ir a Viana depois do dia 9, que é quando regressa das manobras. Sería uma grande coisa que o Sequeira podesse esconder-se em Viana numa casa de confiança, e de lá prestasse todo o seu valioso auxilio para a bôa organisação dos corpos.

Os regimentos depois das escolas quasi que ficam sem gente porque tudo vai licenciado. O Conde alimente quaesquer trabalhos com o Albino Moreira, de V.ª Real, para que ele se não melindre mas não serve tal homem e temos lá gente muito mais competente. Diga se para lá fornece algum armamento.

Não mandem os homens logo depois do dia 15 como combinámos, sem lhe mandar dizer.

Os meus amigos disséram-me aí que havia toda a dificuldade no fornecimento do armamento (carabinas) (sic) *por causa da gréve de Barcelona e que pelo menos sería muito demorado esse fornecimento e que em caso algum podiam fornecer as 100 carabinas para Lisboa, agora ao Lencastre dizem-lhe outra cousa e tomam o compromisso dêsse fornecimento, o qae muito estimamos. Santos Mota vem procurar-me ao Porto e eu vou falar com o dr. Abreu. O estado das coisas é bom. Vejam se pódem mandar pelo Lencastre o dia em que o Jaime tem de ir a Hespanha.*

Digam-me se precisam de alguma coisa ou se querem que eu volte ao mesmo sitio onde fui.

Esta carta vai subscritada pela minha letra para o Conde mas o Reitor tambem a póde lêr.

UM BANDO DE SCELERADOS

Nesta carta, por sinal interessantissima, faz o Mélinho alusão a *uns homens*: «*Não mandem os homens...*» diz ele.

Lembra-nos que, quando este Cecioso foi preso apareceu algures um brado de piedade. Era doente o Cecioso. Um desgraçado, quando muito um pobre doido!

Pois vão vêr os leitores as relações deste *pobre doido*, a gente que ele mandaria vir para a grande função que lhes era reservada e o que ele pensava fazer com esses homens.

Querem saber?

Na conferencia de Lanhelas, o reitor de Caminha afirmou ao Cecioso que dispunha de um grupo de homens **resolvidos a tudo, idoneamente indicados para a acção isolada, pelo atentado pessoal, grupo que muito favoreceria os conspiradores, desembaraçando-os das entidades de prestigio, republicanas, hora antes de estalar o movimento ou mesmo na hora propria. Doze desses homens poderiam entrar, sem demora, no país para conhecerem as personalidades que deviam suprimir.**

Fazia parte do grupo o célebre ex-guarda civil de Lisboa, o **Marujinho,** que já tinha proêsas que deslumbravam o reitor.

Uma delas—os leitores lembram-se dela—consistiu nisto: havia na Galiza um rapaz português, republicano, que ali se tornára suspeito de carbonario ao facinora. Por seu ardiloso convite, o rapaz foi banhar-se ao rio Minho e ali barbaramente estrangulado e deixado morto no fundo do rio!

Como via o Mélinho, uma belêsa!

O Mélinho riu muito, tomou nota e ficou de mandar vir os homens!